
A COMPREENSÃO DA ÉTICA COMPLEXA: desafio para a educação escolar num mundo planetário

Celso José Martinazzo*
Francini Carla Grzeca**

RESUMO

O presente texto traz reflexões acerca da temática da ética e suas implicações na educação escolar sob o viés da complexidade. A ética reveste-se de um sentido mais aberto, amplo e fecundo quando compreendida numa perspectiva da complexidade, pois esse paradigma contempla as múltiplas dimensões do cosmos, do indivíduo, da espécie e da sociedade. A ética necessária é, segundo Morin, a ética complexa que emerge da consciência da condição humana no universo e na trindade indivíduo/espécie/sociedade. A ética compreendida sob o ponto de vista da complexidade pode levar o ser humano, bem como toda a humanidade, a pensar e agir segundo os princípios da compreensão e solidariedade. Morin defende que o desenvolvimento de uma ética complexa pressupõe e possibilita uma verdadeira reforma do nosso modo de pensar e, por conseguinte, da educação escolar.

Palavras-chave: Ética, complexidade, educação escolar.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As reflexões e contribuições de Morin sobre a necessidade de uma *ética complexa* para repensar o sentido e o destino do universo, bem como de toda a humanidade, nos motivaram a buscar uma maior compreensão das ideias nucleares que sustentam o referencial teórico do paradigma da complexidade e que podem servir de suporte para ressignificar a ética num contexto escolar. O desafio a que nos propomos, portanto, é pensar a ética necessária para toda a humanidade e, por extensão, para a educação escolar nos tempos contemporâneos¹, na perspectiva da complexidade.

Filósofos, cientistas, ecologistas, economistas, enfim, estudiosos de todas as áreas, concordam que, contemporaneamente, a humanidade vem enfrentando dilemas cruciais que a colocam em encruzilhadas divergentes – e até mesmo opostas –, que a obrigam a fazer escolhas radicais. Escolhas e decisões sempre nos remetem a questões de envolvimento ético e moral. E, sem dúvida, as decisões e opções que se referem ao campo ético estão sendo ignoradas, mal resolvidas e, até mesmo, atropeladas pelos interesses e avanços no campo da ciência e da tecnologia. Por consequência,

* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Pedagogia e do Programa de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí. E-mail: marti.sra@terra.com.br.

** Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí. Graduada em Pedagogia, professora da rede municipal de Ijuí. E-mail: francinicg@gmail.com.

¹ Preferimos o uso da palavra “contemporâneo” a outros termos como neomodernidade ou pós-modernidade para nominar e expressar o período da História que estamos vivendo. Com isso, queremos evitar o debate filosófico, epistemológico e ético sobre esses termos polissêmicos e ainda um tanto polêmicos.

criamos um mundo de dicotomias e antagonismos, oscilando entre o bem e o mal, em que o discernimento limita-se entre o certo e o errado e no qual coabitam situações de riqueza e pobreza, inclusão e exclusão, de bem-estar e de extrema pobreza. O surgimento de uma nova consciência ética, individual e planetária, depende de como nós humanos nos posicionarmos em relação à dignidade da vida, bem como à continuidade do planeta.

Morin, no livro *O Método 6: ética* (2005), expõe e delinea sua compreensão sobre a ética do ponto de vista da complexidade, situando-a no âmago desta. Para o autor, a humanidade enfrenta uma crise ética e não está sabendo solucionar os problemas éticos na extensão, radicalidade e complexidade que os caracterizam. O autor aposta nos princípios do conhecimento complexo para esboçar um pensamento regenerador que permita retomar a ética em perspectiva complexa. Concebendo a ética complexa como um metaponto de vista que permite e possibilita a reflexão sobre os princípios da moral, ele distingue a ética da moral.

Busca-se, com frequência, distinguir ética e moral. Usemos “ética” para designar um ponto de vista supra ou meta-individual; “moral” para situar-nos no nível da decisão e da ação dos indivíduos. Mas a moral individual depende implícita ou explicitamente de uma ética. Esta se resseca e esvazia sem as morais individuais (MORIN, 2005, p. 15).

Em Morin, a ética se constitui num tema marcante e transversal de sua obra e está na origem, no desenvolvimento e na culminância do pensamento complexo; as mesmas leis e princípios que regem o pensamento complexo também se estendem para o campo da ética. A racionalidade complexa fundamenta uma ética complexa.

Morin, ciente das grandes dificuldades e barreiras para se realizar uma reforma da estrutura do pensamento ocidental elaborado e consolidado ao longo dos últimos séculos, sugere que as instituições de ensino superior venham a introduzir uma espécie de “*dízimo epistemológico ou transdisciplinar*” (2000a, p. 84) em sua organização curricular. Assim, cerca de 10% do total da carga horária dos cursos seriam destinados para um ensino básico comum com a finalidade de repensar a racionalidade humana, a ciência, a economia, a ética, a política e outras temáticas afins, que implicam a compreensão da existência, do sentido e do destino do universo e da humanidade. Propõe, igualmente, que se criem centros de pesquisas voltados a compreender a complexidade da realidade de forma multidimensional e transdisciplinar, promovendo o diálogo e a comunicação entre os diferentes saberes e culturas: entre as ciências antropossociais e as ciências da natureza.

A racionalidade complexa pressupõe um avanço em relação a outras formas tradicionais e metafísicas de pensamento e se propõe a realizar um resgate dos princípios cognitivos transdisciplinares. Ela é, portanto, um pressuposto de um paradigma capaz de representar o primado de uma

“razão ética” acima e além dos reducionismos e das simplificações do pensamento. O pensamento complexo pode ajudar a cada indivíduo e a própria humanidade a superar aquilo que Morin (1997, 2009) denomina de barbárie do conhecimento que não significa apenas erro ou ilusão quanto ao ato de conhecer, mas, sobretudo, fragmentação e compartimentação do objeto conhecido.

O pensamento complexo, ao promover a religação cognitiva dos saberes, abre uma via de mão dupla, indo e vindo, para a religação ética. Cabe à educação escolar promover o pensar complexo, o pensar bem que é, segundo Morin (2005), pressuposto para a realização de uma ética complexa, esta que é produto de um pensamento que compreende a complexidade cósmica e humana.

COMPREENDENDO A ORIGEM DA CRISE E OS ALICERCES DA ÉTICA COMPLEXA

As múltiplas crises éticas da sociedade, tais como crise ética na política, crise ética ambiental, crise ética na economia, crise ética na família, apontam para um mundo em crise ética. Segundo Morin (2005), a sensação de crise ética da atualidade tem muito a ver com a perda do fundamento das certezas e das verdades que as éticas superiores ou transcendentais asseguravam.

Morin (2005) argumenta que a discussão sobre a ética faz-se extremamente necessária na atualidade, dada a carência ética do nosso tempo. Tal insuficiência é percebida na tomada de consciência sobre a erosão de sentido das éticas tradicionais que não mais contemplam os anseios e necessidades da sociedade atual, cada vez mais complexa e planetária.

O pensador esclarece que os resultados históricos das muitas éticas comunitárias e religiosas que pregam uma moral do amor e da fraternidade foram “[...] extremamente magros; muito mais importantes foram as imorais explosões de ódio e de perseguição oriundas das religiões do amor e das ideologias da fraternidade” (2005, p. 174). Outros pensadores reforçam os sintomas da crise e a exigência de uma consciência ética:

Parece que a exigência de ética que se manifesta um pouco em toda parte neste momento está ligada a uma tomada de consciência do desgaste, e mesmo da dissolução das éticas tradicionais em uma sociedade fortemente individualizada (PENA-VEGA; ALMEIDA; PETRAGLIA, 2003, p. 39).

A sensação de crise ética que perpassa a todos nós, portanto, tem estreita ligação com a crise profunda que atinge as grandes narrativas de cunho cristão e os fundamentos da Filosofia e do espírito iluminista moderno. Na concepção de Morin (2005, p. 27), “A crise dos fundamentos da ética situa-se numa crise geral dos fundamentos da certeza: crise dos fundamentos do conhecimento filosófico, crise dos fundamentos do conhecimento científico”.

A origem e o desenvolvimento da crise ética que se manifesta e se acentua nos dias de hoje podem ser explicados e compreendidos, portanto, a partir de um olhar crítico sobre o caminho que a humanidade percorreu ao longo de sua História. Tomar conhecimento dos sintomas desta crise requer, para fins deste estudo, uma abordagem e compreensão do modelo de conhecimento filosófico e científico da modernidade. O cognitivismo moderno consolidou uma visão racional, estável, coerente e ordenada do mundo, traduzida numa linguagem matemática e científica. Esse modelo de conhecimento fundamentou uma percepção simplificadora da realidade, isto é, linear, redutiva e disjuntiva da dimensão complexa do real. Em síntese, os principais fatores que determinam a crise ética atual estão no vértice da crise dos fundamentos do conhecimento filosófico e científico moderno que não possibilita a compreensão da realidade complexa gerando ações unidimensionais e mutiladoras.

É na sociedade moderna que brotam metodologias, especializações e burocratizações, fragmentando a compreensão da realidade. A compartimentalização da realidade pelas diversas especializações impede a compreensão do tecido social e conduz a sua degradação. Perde-se a noção do todo. Neste viés, a consciência individual, num contexto de realidade fragmentada, conduz à degradação das responsabilidades. E enfatiza Morin (2005, p. 25):

Em todos os campos, o desenvolvimento das especializações e dos compartimentos burocráticos tendem a encerrar os indivíduos num domínio de competências parcial e fechado, de onde deriva a fragmentação e a diluição da responsabilidade e da solidariedade [...].

Essa forma de conhecimento fragmentado que não estabelece as relações e nexos existentes na realidade e, portanto, produz um pensamento que separa e fraciona a complexidade do mundo, devido à incapacidade de articulação e contextualização da mente, torna-se, na contemporaneidade, insuficiente para alcançar a compreensão de toda a complexidade inerente ao mundo.

A fragmentação dos saberes, com a conseqüente evolução do conhecimento técnico-científico-instrumental, está na base das ações mutiladoras. Por isso, a esse tipo de discurso fragmentado do conhecimento deve-se acrescentar um outro tipo de saber que conecta, reúne e comunica. Com base nas últimas descobertas das ciências sistêmicas estuda-se a Terra e o universo como um sistema muito complexo, em que todos os elementos estão sempre em relação.

Eu diria que a disjunção e a redução, que eliminam qualquer possibilidade de visão global, constituem uma barbárie do pensamento. A ciência clássica tinha dissolvido o Cosmos, a Natureza, o Sujeito Humano. Mas o Cosmos ressuscitou numa cosmologia saída da descoberta da expansão do Universo. A Natureza ressuscitou com a ciência

ecológica. E se o Sujeito foi banido da ciência objectiva, mostro que o regresso do sujeito é indispensável, nem que seja porque o objecto do conhecimento é co-produzido pelas nossas projecções mentais sobre uma realidade exterior e pela introdução, via tradução e reconstrução, desta realidade exterior no nosso espírito. (MORIN, 2009, p. 177).

Morin nunca se contentou com as explicações simplificadoras das disciplinas que cortam a realidade em verdades isolantes e desconectantes. Como ele mesmo faz questão de esclarecer, alimentou-se de muitas culturas que abriram o seu pensamento para a humanidade e o transformaram num cidadão do mundo. Daí que seu pensamento sempre é muito rico no que se refere a uma antropologia complexa, à vida do planeta e ao destino da humanidade. Quanto ao universo, se é que ele tem um sentido, prognostica o autor, permanece ainda desconhecido para nós, e, portanto, incognoscível. É um grande mistério. E o sentimento de humanidade ainda há de brotar, pois vivemos no limiar desse sentimento.

A modernidade exacerbou as dimensões de um eu racional, autocentrado e individualista.² O desenvolvimento do individualismo, segundo Morin, conduz ao fortalecimento do egocentrismo, que contribui para a desintegração do sentimento de pertença a uma comunidade e inibe as potencialidades altruístas e solidárias. Com o individualismo, o egocentrismo sobrepõe-se ao altruísmo de tal forma que o sujeito não mais se reconhece como parte de uma sociedade. Nessa conjuntura, a realidade social fica distante, exterior ao sujeito e à comunidade e se enfraquece enquanto fonte e destino da ética. Provoca um desequilíbrio na relação trinitária entre indivíduo, espécie e sociedade, promovendo a desarticulação entre eles. Nas sociedades contemporâneas vem ocorrendo um verdadeiro desequilíbrio nessa relação trinitária, com um acentuado e extraordinário desenvolvimento da dimensão individual a ponto de reduzir o humano apenas à individualidade de cada ser. Na análise de Morin temos o seguinte quadro:

As fontes da ética quase não irrigam mais; a fonte individual é asfixiada pelo egocentrismo; a fonte comunitária é desidratada pela degradação da solidariedade; a fonte social é alterada pela compartimentação, burocratização, atomização da realidade social e, além disso, é atingida por diversos tipos de corrupção; a fonte bioantropológica é enfraquecida pelo primado do indivíduo sobre a espécie (2005, p. 28).

² Adorno e Horkheimer, entre outros, denunciam que a razão moderna, de instrumento de emancipação torna-se, ela mesma, instrumentalizada e instrumentalizadora.

Segundo Morin (2005), a exacerbação da valorização da dimensão individual impede o exercício de uma ética complexa. A individualização extrema conduz à falta de solidariedade e à perda da noção de responsabilidade, promovendo a erosão do tecido social. Aponta ainda este autor que os desdobramentos da privatização e mercantilização da ética provocaram um distanciamento entre o indivíduo e a sociedade, e entre os próprios indivíduos. O individualismo acentuado produz um estranhamento ao outro e a tudo o que diz respeito à esfera social. Faz com que o ser humano não reconheça seu vínculo com a espécie e com a sociedade; só se percebe como indivíduo isolado. Falta-lhe a compreensão de sua identidade social, cósmica e terrestre. O pensamento complexo busca restabelecer o vínculo indivíduo/espécie/sociedade, resgatando a condição do ser humano como constitutivamente “cosmobioantropológico”, a qual fundamentaria uma ética da solidariedade.

Morin, ao diagnosticar a crise e analisar o modelo de conhecimento clássico, mostra-se esperançoso quanto à possibilidade do surgimento de uma nova racionalidade: “Estou convencido que há imensas incógnitas que poderemos desconhecer. Lembro que ainda estamos na pré-história do espírito humano: a aventura do conhecimento ainda nos vai reservar muitas surpresas” (2009, p. 253).

Morin assume uma posição distinta tanto da afirmação tradicional de valores éticos perenes quanto da pós-moderna, que nega todo e qualquer caráter universal de valores. Não acredita em teses providencialistas, em religiões de salvação, como o cristianismo, que prometem a imortalidade; em religiões terrestres, como a religião do Estado-nação com seus cultos que imortalizam os heróis; em religião de salvação terrestre, com seus mártires como o comunismo. E argumenta (2009, p. 256): “Eu acredito num outro tipo de religião, sem promessas, sem salvação, a religião da Terra-Pátria que vai efectuar a religação entre nós e a humanidade, nós e a Terra, nós e o Universo”. Somos nós, portanto, que devemos dar sentido à vida humana, pois o sentido da aventura humana não está determinado e é desconhecido pelo homem.

O autor extrai os pressupostos éticos de uma concepção antropológica. Despojado dos alicerces da fé em divindades espirituais, sem acreditar em desígnios inteligentes e sem estar, até mesmo, preso a qualquer certificação racional, ele se desloca a partir de uma aposta existencial que comporta a fé na fraternidade e na Terra-Pátria³.

A ética da religação, portanto, que contextualiza, integra e globaliza o conhecimento, funda-se no princípio da religação dos saberes fragmentados. Se o pensamento complexo é o pensamento que religa podemos concluir que a ética complexa é também uma ética da religação. É preciso reconhecer

³ Para uma compreensão mais ampla dessa importante categoria “Terra-Pátria” sugerimos a leitura da sua obra *Terra-Pátria* escrita de forma conjunta com Anne Brigitte Kern: Porto Alegre: Sulina, 2000.

a necessidade de “religar-se aos nossos; religar-se aos outros; religar-se à Terra-Pátria” (MORIN, 2005, p. 195).

A ética complexa para ser compreendida enquanto tal precisa estar apoiada nos princípios do paradigma da complexidade. A compreensão da ética complexa decorre, portanto, da própria compreensão da complexidade, que se revela um pressuposto para uma ética complexa. As exigências para compreender a complexidade da realidade, bem como da ética, comportam algumas leis e princípios que foram sendo descortinados e elaborados ao longo da trajetória intelectual de Morin e que são explicitados nos seis volumes do Método. Destaca como princípios básicos o dialógico, o recursivo e o hologramático, por expressarem posições contrárias, complementares e antagônicas do real e que culminam no princípio da religação. Esses princípios do pensamento complexo “são vetores de explicação que vão [...] além na elucidação do humano, da vida, do mundo” (2002, p. 292).

Fortin (2007, p. 195), por sua vez, observa: “os princípios do conhecimento complexo que nos permitiram repensar a complexidade humana vão permitir-nos repensar a ética que, também ela, não pode evitar os problemas da complexidade”. Assim, continua o autor, as forças regenerativas da vida, da sociedade, da política e da economia devem passar por um revigoramento ético e recursivamente as forças regenerativas da ética devem passar por um revigoramento da vida e todas as esferas sociais. Nesse elo recorrente, prossegue Fortin (2007, p. 196): “O destino do planeta, a sobrevivência da humanidade, a esperança ética estão ligados à metamorfose. Isto é, à esperança de que a humanidade possa finalmente cumprir-se como humanidade”, no entanto

Não se trata de estabelecer novos princípios morais nem de elaborar uma ética adaptada ao nosso tempo, mas de regenerar a ética, não para que se adapte ao nosso tempo, mas, dada a carência ética do nosso tempo, para adaptá-lo à ética (MORIN, 2005, p. 174).

A ética está ligada ao cognitivo, uma vez que o conhecimento necessariamente conduz a uma ação prática. São as ideias e os pensamentos gerados pelo nosso modo de conceber e compreender a realidade que orientam e condicionam nosso agir sobre o mundo. É preciso reconhecer, como lembra Fortin (2007, p. 127), que “as ideias transformam a ação”; assim, um pensamento que fragmenta a compreensão do mundo promove ações dilacerantes e, por outro lado, um pensar hologramático que solidariza os conhecimentos, motiva ações solidarizantes.

Morin reconhece a importância da contribuição dos saberes especializados. Não despreza as disciplinas e conhecimentos hiperespecializados, mas busca religá-los e estabelecer as bases para uma nova ciência resgatando e formulando um outro sistema de explicações que superem as concepções tradicional e moderna de mundo, de natureza, de tempo/espaço e de ser humano.

Os imperativos éticos, nas palavras de Morin, derivam dos imperativos da complexidade. Desta forma, é preciso repensar o universo e a humanidade – ou as formas de compreendê-los – para repensar aquilo que é ético ou não; e, igualmente, precisamos repensar o ético para repensar uma outra compreensão de universo e de humanidade regenerados. A ética que religa as dimensões da trindade indivíduo/espécie/sociedade é a ética complexa. A ética da complexidade é, portanto, uma ética da compreensão e da solidariedade.

O BEM PENSAR: EIS O COMPROMISSO ÉTICO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NUM MUNDO PLANETÁRIO

O discurso iluminista moderno continua sendo a forma hegemônica de concepção de mundo. Por conseguinte foi e permanece incorporado pelos sistemas de educação escolar tanto nos procedimentos teóricos quanto nas suas formas de organização e operacionalização do processo escolar.⁴ As tentativas de desvencilhamento e de superação de e dos velhos paradigmas, bem como a de postular outros princípios tanto para o âmbito ético-social quanto para o processo educativo dependem de um longo processo histórico. Morin aposta na potencialidade das forças generativas e regenerativas do sistema educacional desde que este seja formulado e organizado com base em outras formas de compreensão da realidade: deve se realizar, portanto, uma reforma da educação escolar simultaneamente com uma reforma na estrutura de pensamento.

Na perspectiva da complexidade, o mundo está em transformação rumo a uma planetarização⁵ da sociedade humana e esse fenômeno que se acentua no século 21 requer a construção de uma cidadania planetária. Para tanto, Morin (2000c) entende que a ética atual é um buraco negro do atual processo de educação e deve se constituir num dos sete saberes necessários à educação do futuro⁶. O estudo da ética complexa, enquanto metaponto de vista que conduz à reflexão no campo das ações humanas, ou seja, nas decisões no campo da ação moral dos indivíduos, necessita ganhar espaço em todos os níveis da educação.

⁴ Existem muitas obras interessantes que analisam e explicitam o discurso pedagógico contemporâneo ancorado no projeto iluminista moderno. Na verdade, o projeto emancipatório iluminista encontra na educação um dos seus principais instrumentos de realização.

⁵ O processo da humanização avança em sucessivos estágios. Estamos entrando num quinto nascimento possível, mas ainda não provável, que seria o nascimento da humanidade. A missão da educação nesta era planetária seria a de fortalecer as condições para o surgimento de uma civilização planetária (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003).

⁶ O livro *Sete saberes necessários para a educação do futuro* (2000c) de Edgar Morin foi escrito a pedido da Unesco e vendeu cerca de 120.000 exemplares no Brasil. Em 2010 foi realizada, em Fortaleza, uma Conferência Internacional sobre os *Sete saberes necessários à educação do presente* em comemoração aos dez anos da publicação da obra.

O pensamento complexo comporta um metaponto de vista sobre as estruturas do conhecimento que lhe permite compreender as determinações dos paradigmas dominantes nos modos de conhecimento, ou seja, as determinações paradigmáticas da incompreensão. Morin defende a necessidade de civilizar as ideias reorganizando o processo de assimilação e produção do conhecimento num pensamento que solidariza os saberes fragmentados.

Para enfrentar e superar o difícil desafio do exercício do pensar complexo Morin sugere uma reforma radical do pensamento, ou seja, uma reformulação dos princípios organizadores do nosso modo de conhecer. Segundo ele “Não haverá transformação sem reforma do pensamento, ou seja, revolução nas estruturas do próprio pensamento. O pensamento deve tornar-se complexo” (2000b, p. 10).

Para que alcancem êxito as reformas não podem ser solitárias e isoladas por setores. Elas são interdependentes e alimentam-se umas das outras. Precisam ser concebidas em circuito recursivo, cada uma sendo produzida e produtora ao mesmo tempo. Uma reforma dos princípios cognitivos é interdependente, alimenta e se alimenta de outras reformas como a: a reforma ética, a reforma educativa e a reforma da sociedade.

A reforma do pensamento com base nos princípios da complexidade consiste em desenvolver as disposições mentais para o pensar complexo. Essas disposições mentais são promovidas pelos princípios do pensamento complexo, destacando-se entre eles o princípio dialógico, o princípio hologramático e o princípio do elo recorrente, os quais possibilitam o desenvolvimento das competências necessárias ao pensar bem, à contextualização, à compreensão e à globalização.

Uma reforma educativa⁷, que atenda aos princípios da complexidade, deve promover o pensar bem; pensar bem é fruto do pensar de maneira complexa. O pensar bem é consequência de um pensar segundo os princípios da complexidade (MORIN, 2005). Por outro lado, uma reforma da educação segundo os princípios da complexidade irá contemplar uma reforma da ética que é, na concepção de Morin, um dos buracos negros do atual processo de educação. Pensar bem se traduz, eticamente, em bem pensar.

A promoção do pensar bem e, conseqüentemente, da compreensão, é considerada pelo autor o grande desafio do nosso tempo. Para superá-lo ele defende a proposição da necessidade de civilizar as ideias por meio da reforma das estruturas do pensamento, tema este que ele aborda recomendando, necessariamente, uma reforma no ensino. Assim, a compreensão da dimensão da ética, de acordo com

⁷ No livro *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (2000a) Morin dedica-se ao tema da educação e do ensino, convencido da necessidade de uma reforma do pensamento, logo, de uma reforma do ensino.

o pensamento complexo, está na dependência de uma reforma da educação escolar que promova o pensar bem para o agir bem.

Fortin (2007, p. 203) acentua que “conhecimento e ética devem combater sem descanso o ‘mal pensar’ para favorecer um pensamento sadio, tónico e higiénico”. O pensar bem, portanto, torna-se ponto de partida e princípio da moral e da ética complexa. É nesta perspectiva que Morin (2005, p. 60) dá sentido à frase de Pascal “Trabalhar para pensar bem, eis o princípio da moral”. Pensar bem é pensar complexo, é ligar, solidarizar os conhecimentos, contextualizar, alargar a compreensão. Fortin (2007, p. 208) lembra que “Não basta limitar-se a ‘pensar bem’, é preciso aprender a pensar bem, *tendo em vista*, sobretudo, aprender a agir bem”. O pensar bem deve traduzir-se em ações operacionais.

A aposta de Morin (2005, p. 142) é de que o pensamento complexo irá conseguir estabelecer a religação cognitiva necessária ao pensar bem e, por extensão, à religação ética da compreensão e da solidariedade. Isso porque o pensar bem desenvolve e amplia a compreensão cognitiva, desdobrando-se numa compreensão complexa, objetiva e subjetiva, que, por sua vez, de forma recursiva, estende-se na ética da compreensão e da solidariedade. Assim sendo, compreensão cognitiva promove uma ética da compreensão.

É nesta perspectiva que o autor aborda o debate sobre a ética, destacando que, para enfrentar os problemas da complexidade do real e os desafios éticos que se apresentam na contemporaneidade, é necessário pensar bem, pensar de forma complexa, para um agir bem. Destacamos a ênfase na ideia da religação em Morin (2005, p. 104, 142): “A religação é um imperativo ético primordial que comanda os demais imperativos em relação ao outro, à comunidade, à sociedade, à humanidade”; “O pensamento complexo estabelece a religação cognitiva; abre uma via indo e vindo da religação cognitiva à religação ética”. Daí, mais uma vez, enfatiza-se a necessidade da reforma do pensamento.

A ética consolida-se como ato de ligação que com base na solidarização dos conhecimentos isolados, liga o indivíduo à sua espécie e à sociedade. Assim, a antropoética – ética necessária à emergência da cidadania planetária –, é ética da compreensão que se desdobra em ética da solidariedade, do compromisso e da participação.

A consolidação da antropoética depende da compreensão da complexidade humana. Morin argumenta que o restabelecimento do vínculo indivíduo/espécie/sociedade resgataria, no indivíduo, a consciência da condição humana de ser cosmobioantropológico, de fazer parte da espécie e da sociedade, o que fundamentaria uma ética da solidariedade e abriria o caminho para a humanidade vencer o desafio de formar uma comunidade planetária.

Ao longo de sua obra Morin (2005) demonstra que um dos obstáculos à ética é a incompreensão do universo, do outro e de si próprio. As causas de incompreensão são múltiplas e, para o campo da educação é fundamental perceber a relação existente entre a incompreensão e a cognição. Isso porque a incompreensão ética, bem como a intolerância, podem ser causadas pela incapacidade de compreensão intelectual.

A ética da compreensão reclama a ampliação da compreensão da condição humana. O pensamento complexo possibilita a religação cognitiva necessária para a consciência de nossa condição humana complexa: indivíduo/espécie/sociedade. A ética da compreensão

[...] incita-nos a assumir a identidade humana no seu nível complexo e convida-nos para a dialógica razão/paixão, sabedoria/loucura. Reclama a nossa compreensão da condição humana, com seus desvios, ilusões, delírios. (MORIN, 2005, p. 143).

A compreensão da complexidade da condição humana faz emergir a consciência ética, o reconhecimento do uno e do múltiplo da identidade humana, a qual, pelo princípio hologramático, liga cada indivíduo singular ao todo planetário, fazendo com que cada ser humano reconheça sua identidade singular e sua identidade planetária comum. Afirma Morin (2005, p. 160): “Ergue no nível ético a consciência antropológica que reconhece a unidade de tudo o que é humano na sua diversidade e a diversidade em tudo o que é unidade; daí a missão de salvaguardar por toda parte a unidade e a diversidade humanas”. A compreensão da complexidade da condição humana traz à antropoética o componente da universalidade ética, um universalismo planetário pautado no elo que une cada um ao todo e configura a trindade indivíduo/espécie/sociedade.

Morin formula e organiza princípios cognitivos que estão na base de um método de conhecimento que recusa a simplificação promotora de ações mutilantes. Essa convicção do autor justifica porque ele busca estabelecer a religação entre a ética e o conhecimento. Ele alerta, no entanto, que a ética não pode ser dedutível de um saber, que não se pode deduzir um dever de um saber, pois o dever é algo vivido subjetivamente pelo indivíduo. O conhecimento, contudo, é indispensável à ética, pois ajuda “[...] a lutar contra as cegueiras, as fragmentações, disjunções, reduções, ilusões que obscurecem o conhecimento, atrofiam a consciência, atomizam e dessolidarizam os indivíduos” (FORTIN, 2007, p. 202).

O conhecimento fragmentado, próprio das disciplinas e práticas escolares, introduz na mente dos estudantes um pensamento simplificador e demasiado técnico-instrumental, conduzindo inevitavelmente à redução e à limitação da compreensão da realidade. É por isso que

devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada. (MORIN, 2000a, p. 16).

As práticas educativas realizadas na e pela escola, de transmissão e acumulação de saberes como estratégia pedagógica para o conhecimento do mundo, esgotaram-se diante da nova conjuntura civilizacional e da iminente planetarização da humanidade. No contexto atual “a missão primordial do ensino supõe muito mais aprender a religar do que aprender a separar, o que, aliás, vem sendo feito até o presente”. (ALMEIDA; CARVALHO, 2004, p. 68).

Para enfrentar o desafio da educação disciplinar, o autor não recomenda o simples e imediato rompimento das fronteiras entre as disciplinas. Morin (2000a) propõe que sejam estabelecidos princípios organizadores do conhecimento que superem as barreiras entre elas. Para isso ele sugere a reforma do pensamento, que consiste em agregar e articular os operadores cognitivos do pensamento complexo: o dialógico, o recursivo e o hologramático no cérebro humano. De fato, o que o autor pretende é a substituição de um pensamento que isola (disjuntivo) e separa (redutor) por um pensamento que distingue e une, ou seja, por um pensamento complexo.

As práticas educativas no atual sistema de educação não proporcionam a constituição das disposições mentais necessárias para a compreensão, contextualização e globalização dos conhecimentos, no entanto são exatamente essas as competências necessárias para o cidadão do mundo planetário e que, portanto, a escola necessita por em prática e potencializar em sua prática educativa. O elo recorrente que o autor estabelece entre desenvolvimento da compreensão cognitiva e educação fica evidente quando Morin (2000c, p. 104) sinaliza:

Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro.

Desenvolver a aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se um imperativo da educação, pois a fragmentação do conhecimento em disciplinas desconexas não contempla a visão complexa do mundo. Em contrapartida, as exigências postas pela planetarização da humanidade e pelo reconhecimento da complexidade do mundo exigem que a escola realize uma reforma educativa para reformar o pensamento, contemplando, assim, a complexidade do conhecimento.

É compromisso ético da escola, portanto, desenvolver o pensamento complexo com base nos princípios cognitivos de percepção e compreensão da complexidade do real. Tais disposições mentais

– de percepção, interpretação e contextualização – possibilitam enfrentar a complexidade e a incerteza do mundo. Neste sentido, defende-se que o compromisso ético da escola é fortalecer a formação dos educandos a fim de que possam compreender a complexidade do mundo para atuar de forma ética. A escola precisa assumir o compromisso de promover uma verdadeira reforma do pensamento para que os alunos possam pensar complexamente os desafios éticos planetários.

Na concepção de Morin (2000a, 2005, 2009), somente um modo de pensar que une e solidariza conhecimentos separados, que não se fecha no local e no particular, é capaz de se desdobrar em uma ética da compreensão e da solidariedade entre os humanos e pode servir de suporte para desenvolver o senso de responsabilidade e de cidadania. Para isso, levando em conta o atual estágio de planetarização da humanidade, são necessárias a reforma do pensamento e a emergência de uma ética pautada na solidariedade e na responsabilidade, para despertar a humanidade da humanidade: a verdadeira civilização humana.

Entendemos que, segundo Morin, a finalidade da educação consiste em desenvolver a aptidão dos educandos para que aprendam a pensar bem, e isto significa pensar com base nos princípios da complexidade. Deste modo, eles podem compreender a complexidade humana e do mundo planetário atual e, assim, estarão aptos para agir segundo os princípios da ética complexa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da C.; CARVALHO, Edgard de Assis. (Orgs.). *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2004.
- FORTIN, Robin. *Compreender a complexidade: introdução a O Método* de Edgar Morin. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.
- _____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.
- _____. *O Método I: A natureza da natureza*. 3. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.
- _____. *O Método 5. A humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- _____. *O Método 6: Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000c.
- _____. *O meu caminho: entrevista com Djénane Kareh Tager*. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio R.; MOTTA, Raúl D. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.
- PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA; Cleide R.S.; PETRAGLIA, Izabel. (Orgs.). *Edgar Morin: Ética, cultura e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ABSTRACT

The present text brings reflexions about the theme of ethics and its implications in school education under the political complexity. Ethics is covered of a more opened, wide and productive way when understood in a complexity perspective, because this paradigm contemplates the multiple dimensions of cosmos, individuals, species and societies. Required Ethics is the self-ethics, the socio-ethics and the anthro-ethics, in other words, the complex ethic which emerges from the consciousness of the human condition in the universe and in the trinity individual/species/society. Ethics understood from the view point of complexity can lead the human being, as well as all humanity, to think and act according to the principles of understanding and solidarity. Morin defends that a complex ethics development requires and enables a genuine reform of our way of thinking and, therefore, of school education.

Keywords: Ethics, complexity, school education.

*Recebido em janeiro de 2011
Aprovado em maio de 2011*